

CASSIO ENGEL

O BRIO E AS FORQUEADURAS CAPITAIS

AUTOBIOGRAFIA

1ª Edição
Rio de Janeiro
Editora Templários
Abril de 2019

CASSIO ENGEL

O BRIO E AS FORQUEADURAS CAPITAIS

AUTOBIOGRAFIA

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Fernanda Magalhães

**DIREÇÃO DE ARTE/DESIGN
E PRODUÇÃO GRÁFICA**

Billy Bacon

DIAGRAMAÇÃO

Marcos Chrispim

ILUSTRAÇÕES

Zé Otavio

REVISÃO

Patrícia da Silva Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

E57 Engel, Cassio.
O brio e as forqueduras capitais : autobiografia /
Cassio Engel. — Rio de Janeiro : Templários, 2019.
280 p. : il. ; 28 cm.

ISBN 978-65-80314-00-3

1. Autobiografia. I. Título.

CDD 920.71

Editora Templários Ltda.

Av. das Américas, 3.301 bloco 4 grupo 224/226.

Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ

CEP 22631-003

contato@editoratemplarios.com.br



A forma da escrita pode não ser a dimensão mais valorosa de uma obra, mas é sim parte relevante e indissolúvel da verdade daquele que se propõe a redigi-la, sobretudo em uma AUTObiografia. Aqui, a autoria não pode prescindir de legitimidade.

O leitor desse tipo de narrativa, acredito, espera dialogar com o autor. O próprio. Deseja sentar ao seu lado e escutar o seu timbre de voz, analisar o seu jeito de contar, de gesticular, de encadear o raciocínio, os pensamentos.

Por essa razão, ousei declinar de intermediários ocultos. O texto a seguir eu mesmo fiz. Todas as letras. Esta obra faz parte da minha vida tanto quanto cada uma das histórias que ela contém.

**É O MEU LEGADO, QUE ETERNIZO AQUI PARA VOCÊS
– E POR VOCÊS:**

Bruna

Bárbara

Enzo

Maria Luiza

João Vittor



ÍNDICE

| | |
|-----|--|
| 17 | <i>um - ALCATRAZ (1986)</i> |
| 23 | <i>dois - INVISIBILIDADE DE DARWIN</i> |
| 29 | <i>três - UMA FORQUEADURA CAPITAL</i> |
| 39 | <i>quatro - PEDRA FUNDAMENTAL (1993)</i> |
| 47 | <i>cinco - O UNIVERSO PARALELO DE NOVA IGUAÇU (1991)</i> |
| 55 | <i>seis - DOCTOR HOUSE (1994)</i> |
| 61 | <i>sete - GARGAMEL (1995)</i> |
| 67 | <i>oito - O MESTRE DAS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS</i> |
| 73 | <i>nove - A MATEMÁTICA DE VON MISES</i> |
| 77 | <i>dez - SOLSTÍCIO (1997)</i> |
| 83 | <i>onze - ALELUIAS!</i> |
| 89 | <i>doze - JUAREZ</i> |
| 93 | <i>treze - A DANÇA DAS FOLHAS COUCHÊ</i> |
| 99 | <i>catorze - INSPIRAÇÃO</i> |
| 103 | <i>quinze - INVESTIDURA (1998)</i> |
| 107 | <i>dezesseis - MÁRCIO ROCHA</i> |
| 113 | <i>dezesete - WORMHOLE: UMA JANELA ENTRE DOIS MUNDOS</i> |
| 117 | <i>dezoito - OS TRÊS MOSQUETEIROS</i> |
| 123 | <i>dezenove - O BALÉ DOS CADARÇOS</i> |
| 127 | <i>vinte - GOTAS DE SHOYU</i> |
| 133 | <i>vinte e um - CAPA DURA E LOMBADA</i> |
| 139 | <i>vinte e dois - UMA TARDE INOLVIDÁVEL (1999)</i> |
| 145 | <i>vinte e três - UMA NOVA FORQUEADURA</i> |

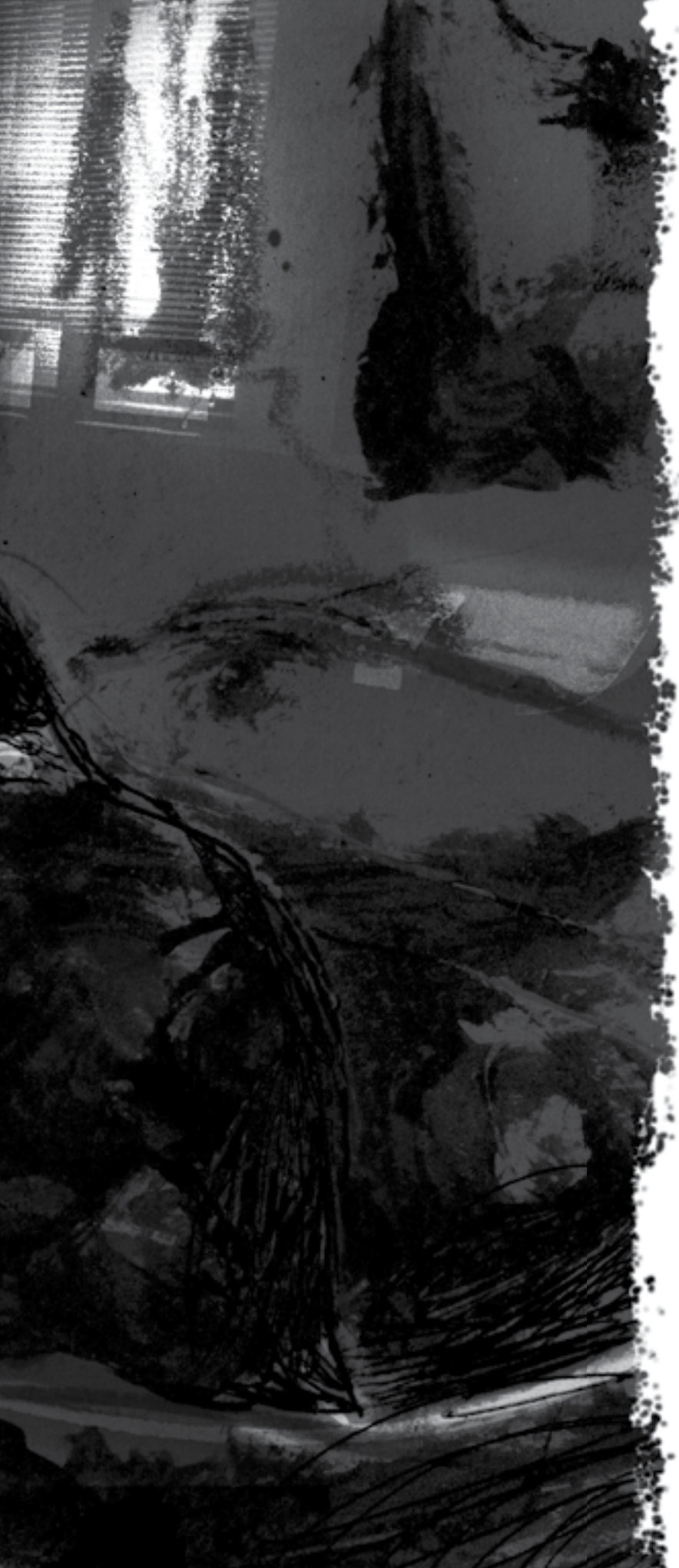
| | |
|-----|---|
| 153 | <i>vinte e quatro - D'ARTAGNAN</i> |
| 157 | <i>vinte e cinco - CONDE DE BONFIM</i> |
| 163 | <i>vinte e seis - RESILIÊNCIA</i> |
| 167 | <i>vinte e sete - EPÍLOGO</i> |
| 171 | <i>vinte e oito - THE HATEFUL FIVE (2000)</i> |
| 177 | <i>vinte e nove - PELOS CAMPOS DE GOYTACAZES (2001)</i> |
| 183 | <i>trinta - SADDAM HUSSEIN!</i> |
| 187 | <i>trinta e um - A ORDENAÇÃO DE UM CAVALEIRO</i> |
| 191 | <i>trinta e dois - SÃO PAULO (2002)</i> |
| 199 | <i>trinta e três - HIPNOSE</i> |
| 203 | <i>trinta e quatro - OS ROTEIROS</i> |
| 207 | <i>trinta e cinco - UMA ENGRENAGEM INVISÍVEL</i> |
| 211 | <i>trinta e seis - GENEALOGIA</i> |
| 215 | <i>trinta e sete - VEROSSIMILHANÇA</i> |
| 221 | <i>trinta e oito - O IMPOSSÍVEL É NADA!</i> |
| 225 | <i>trinta e nove - UMA FORÇA DA NATUREZA</i> |
| 231 | <i>quarenta - CINE PAULISTANO</i> |
| 237 | <i>quarenta e um - MEDICINE</i> |
| 245 | <i>quarenta e dois - DESMORONAMENTO</i> |
| 251 | <i>quarenta e três - M.E.D</i> |
| 257 | <i>quarenta e quatro - "SINGULARIDADE"</i> |
| 267 | <i>quarenta e cinco - AO INFINITO E ALÉM</i> |
| 271 | <i>capítulo último - ASSIM FALOU ZARATUSTRA</i> |







Capítulo 1



capítulo um
ALCATRAZ
(1986)

Quatro paredes brancas aprisionavam uma escrivanhinha de estudos, uma pequena cama e uma estante de livros. Espremidas e interconectadas como partes de uma engrenagem única, simultaneamente ao alcance das minhas mãos. Aquele minúsculo cômodo era muito mais do que o meu quarto, pertencia ao meu próprio organismo como um exoesqueleto vivo, contendo e protegendo todos os meus sonhos. Ali, lembro bem, eu era absolutamente livre para viver o mundo inteiro, sem qualquer restrição, mas ao mesmo tempo incapaz de enxergar uma única coisa para além do quadrado que aquelas paredes formavam.

Na época, meu maior inimigo era o vestibular, e o tempo de sua aproximação, que se extinguia cada vez mais rápido e sem qualquer constrangimento, fazia assomar à minha porta um sentimento estranho, uma ameaça tácita que eu chamarei por agora de ameaça do fracasso. Quanto mais perto o vestibular, mais a ameaça do fracasso me assombrava.

Ameaça, fracasso. Duas palavras. A-me-a-ça, fra-cas-so... A separação silábica me ajuda a relembrar a intensidade com que elas dominaram toda a minha existência, como uma tempestade absolutamente incansável. Um desespero. Mas de nada adianta tal recurso, porque à mesma medida em que as primeiras palavras nascem dos meus dedos e se derramam aqui, nesta autobiografia, percebo que elas não conseguem expressar com exatidão a realidade do que senti à época. E isso é importante, porque preciso o quanto antes iluminar uma aresta fundamental da minha personalidade, acredito, decisiva para a criação do MEDGRUPO.

A minha experiência com o vestibular – e especialmente a minha reação a ele – ultrapassou qualquer limite de normalidade. Uma agonia claramente desproporcional, que pela primeira vez me invadiu e dominou todas as ações, sem nenhuma cerimônia.

Muito tempo se passou até que eu compreendesse a verdadeira origem desse estado de espírito. À época, tudo se justificava em mim pela vontade de progredir à faculdade, pela ânsia de ser médico. Nada mais distante da realidade...

Retornarei a esse assunto alguns parágrafos à frente, mas o fato é que, em resposta à pressão que eu mesmo gerava, cada vez mais me tornava focado e obcecado. Um vaga-lume flutuando no escuro, irradiando luz e se desesperando atrás dela. Mas pela primeira vez, é verdade também, eu me sentia determinado e com um propósito claro.

Submergi em uma rotina quarto-escola-quarto que despertou a inquietude de todos. E com razão: dormia quatro ou cinco horas por noite e fazia todas as refeições, que chegavam em bandejas, debruçado em livros e resumos. Ao final, já não tinha mais amigos senão os do colégio, e mesmo assim só os que compartilhavam do mesmo desespero. Anulei qualquer tipo de agenda social.

Finalmente as desconfianças em relação ao meu estado de saúde mental fizeram sentido quando, na virada do ano de 1986/87, à meia hora da queima de fogos, me surpreendi sozinho em casa, sentado na mesa de estudos, no escuro, com uma dezena de velas acesas em torno de uma apostila de Biologia. Explico: meus pais e irmãos haviam saído para comemorar o Ano-Novo na casa de amigos e eu fiquei preso no meu exoesqueleto a fim de terminar o rigoroso cronograma de estudos. Foi então que, às 23 horas deste dia festivo, apagaram-se todas as luzes. Do quartoirão. *Blackout!* E a julgar pela magnitude, não parecia coisa de solução rápida. O breu era tamanho que tornava impossível enxergar mesmo a cama, me convidando para dormir. Naquele momento, o Universo parecia impor uma prova de fogo, um teste de resistência, de fé. Sei que parece loucura (e provavelmente era), mas foi exatamente assim que me senti: desafiado!

Em cegueira absoluta, naquele escuro surdo e latejante que iguala o fechar e abrir de olhos, levantei com cuidado da cadeira, estiquei a mão e abri a porta do quarto. Imaginando a planta baixa do apartamento, e de olhos cerrados antecipando alguma colisão,

muito lentamente, fui tateando meu rumo em direção à cozinha. O plano era conseguir acessar a despensa e apalpar uma caixa de fósforos. Como nunca usava esse insumo, não sabia nem se ele existia por lá.

Demorei, mas consegui. Risquei um fósforo! Seu tempo de vida iluminada não me permitiu muita coisa. Como havia muitos, acabei encontrando o que precisava: uma caixa de velas. Pronto!

Nada mais emblemático e prazeroso do que festejar a chegada do ano novo debruçado nas entranhas dos complexos de Golgi e lisossomas, no escuro, energizado por uma dezena de velas de fé.

Compartilho uma convicção: os verdadeiros desafios se justificam por si mesmos. Ponto. Acho até que esta deveria ser a definição deles: tudo aquilo que se impõe como um obstáculo e que se justifica per se. Eles costumam valer cada movimento em sua direção, independentemente do aceno de recompensas futuras. Foi desta forma que o vestibular se apresentou para mim. Ser aprovado significou mais, muito mais do que uma carreira, uma profissão, enquanto, por outro lado, ser derrotado por aquele demônio era abrir mão da própria vida.

Mas as verdades também precisam respirar à luz do dia... Há um preço altíssimo por essa obsessão, que precisa ser registrado. Os obstinados, vamos chamá-los assim, devem estar sempre dispostos a deixar para trás, abandonados, estilhaços do seu próprio presente, como pequenos fragmentos de vida desperdiçados, momentos que nunca mais serão vividos. Lutar por qualquer sucesso futuro é, antes de tudo, um desapego do presente. Todos os outros seres humanos, muito mais normais e inteligentes, desejam o sucesso apenas à exata medida do valor a ser empenhado por ele. Quando muito é exigido, eles se adaptam, redefinem o próprio conceito de sucesso e simplesmente seguem em frente.

Enfim o vestibular! Foram quatro provas ao todo, em dias diferentes. Terminado o concurso, o resultado haveria de ser divulgado em um jornal, que precisaria ser comprado – acreditem – em uma banca de jornal. Antigamente, a velocidade do tempo era outra. Não havia o que fazer senão engaiolar a angústia e esperar.

Sofri dois ou três dias de uma tortura silenciosa, de uma expectativa incapacitante. No quarto dia, ao acordar, corri para rua e peguei o primeiro ônibus que passou. Precisava ver movimento. Saí, supondo deixar a angústia em casa, mas ela veio comigo. Resolvi descer em frente ao Rio Sul, um grande *shopping center* em Botafogo. Por lá existia uma banca de jornal.

Havia mais de uma hora que a manhã não progredia quando divisei de longe, pendurado por um grampo, o caderno-mensageiro. Súbito a algazarra de motores e buzinas se dissolveu no céu e, por alguns instantes, o mundo se contraiu. Verti o punho e olhei meu relógio, mas não consegui ver absolutamente nada. Só o ponteiro dos segundos, pausando uma eternidade entre cada batida seca.

Onde guardamos a angústia quando ela não está no tórax?

Com o tempo correndo na velocidade dos séculos, perscrutei o jornal à procura do meu nome na lista de aprovados. E achei! Estiquei os dois braços para cima, rasgando o ar com os punhos cerrados, e dei um suspiro tão longo que movimentou uma pequena nuvem branca. Lembro que gritei bem alto, mas a voz não me obedeceu.

Parti sem destino certo e, enquanto andava, apertava o jornal bem forte, como se quisesse guardar para sempre aquele momento entre os dedos. Comprei um sorvete de três bolas para comemorar e a cada lambida conferia novamente o meu número de inscrição no jornal amassado.

Agora o meu destino estava alinhado em uma reta bem definida: cursar a faculdade de Medicina, me especializar em Psiquiatria e, em seguida, me tornar psicanalista.

Meu sonho era seguir os passos do meu pai.